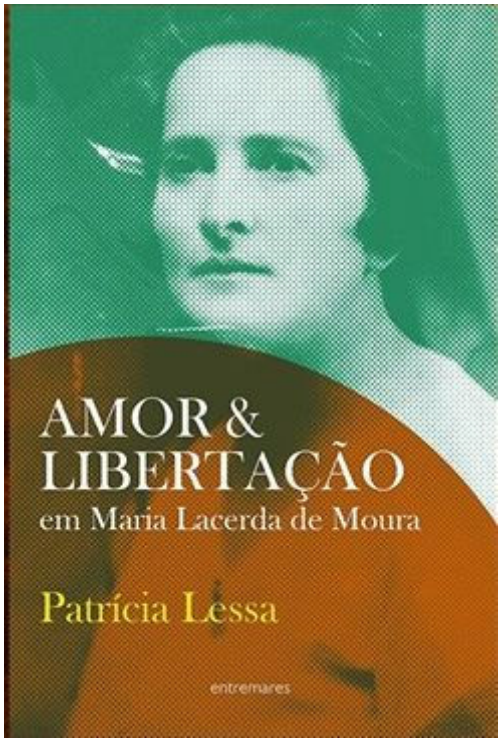

LESSA, Patrícia. **Amor e libertação em Maria Lacerda de Moura**. Entremares, 2020 (208 p.)

Apresentação: Por que ler Maria Lacerda hoje?

Maria Lacerda de Moura escreveu seu primeiro livro em 1918. Em 2018, completaram 100 anos desde a sua primeira publicação, perguntamos: por que ler e escrever sobre uma obra centenária? Ela foi uma educadora e escritora que lutou contra o autoritarismo da família burguesa, do clero e do Estado, foi contra a ditadura e falou sobre a necessidade de paz diante do avanço do nazifascismo. É necessário e urgente reler as obras de quem afrontou governos autoritários, sobretudo, no Brasil pós 2016. Naquele ano, aconteceu a destituição de uma mulher da presidência, Dilma Rousseff. Ela havia sido eleita pelo voto popular e democrático, foi a primeira mulher a governar o Brasil. Seu governo foi interditado sem que nada se provasse para justificar o *impeachment*. Desde o último golpe contra a democracia, o país vem sendo leiloado diante da mídia internacional.

Ela faleceu dia 20 de março de 1945, na cidade do Rio de Janeiro, aos 57 anos. Teve uma vida muito interessante, que merece ser lembrada, merece ser contata, reverberada. Sua experiência em Guararema pode nos dizer muito sobre a necessidade de economias solidárias, sobre a produção e o consumo de alimentos orgânicos, sobretudo nestes tempos de envenenamento do solo e das águas. Sobre o vegetarianismo e sobre a ética com relação às outras espécies. Na comunidade rural autogestionária, em 1936, ela e a/o/s companheira/o/s foram atacada/o/s pela polícia política. Ela mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1938, e deu início a uma nova fase de sua vida.

Na epígrafe deste livro, citamos a ideia desenvolvida por ela de que a história gira em espiral, repetindo velhos erros e esbarrando em resultados nocivos ao desenvolvimento humano e planetário. Foi neste redemoinho de erros, reeditados, que, no dia 20 de março de 2020, 75 anos da morte de Maria Lacerda de Moura, a pandemia da covid-19 começava a fazer vítimas no Brasil e exigir o isolamento social. Enquanto a grande maioria dos países do mundo estava parando ou diminuindo a circulação de pessoas, que sob orientação da Organização Mundial de Saúde deveriam manter-se em quarentena, no Brasil, as aberrações declaradas publicamente pelo presidente causaram mais atritos, ele demitiu o Ministro da Saúde, seus adeptos aderiram ao movimento "a economia não pode parar" e aproveitaram a tragédia

para pedir a destituição do Congresso e em favor do AI-5.

A covid-19 é antes de tudo um grito de alerta da natureza e de todas as outras espécies sufocadas por uma população humana descontrolada, consumista e autodestrutiva fundada em uma economia acelerada e predatória. As manifestações são fruto de uma necropolítica instalada em que as classes detentoras de alguns privilégios consideram que o povo trabalhador deve arriscar suas vidas para a manutenção do lucro de alguns. É a crença cega que algumas pessoas podem viver, podem se isolar, enquanto outras devem morrer, devem gerar lucro mesmo que isso signifique abdicar da sua saúde e da sua vida. Maria Lacerda, no dia 16 de janeiro de 1929, escreveu o artigo *Sandino*, no jornal *O Combate*, n. 4915, no qual afirmava:

> A violencia gera a violencia. E nas guerras e nas revoluções do mundo actual são vencidas a força do dollar.
>
> É o dinheiro o motor da civilização industrializada. E contra essa concepção metálica da vida – só a alta espiritualidade, a suprema resistência da grandeza ethica. Forças antagônicas: dollar e Liberdade.
>
> Não é com arma que se luta pela Liberdade.
>
> A concepção da Liberdade está dentro das consciências e não poderá jamais sair das bocas dos canhões, fundidos pelos salteadores da dignidade humana (MOURA [1929], 2019, p.7).

Os salteadores da "dignidade humana" seguem firmes na luta sanguinária pelo dinheiro. Neste contexto, escrever sobre uma obra centenária é buscar a libertação necessária em que a vida esteja acima da economia. O Brasil de Maria Lacerda estava marcado pela chibata dos coronéis sedentos: "a perspectiva libertária e feminista que norteava suas reflexões, num país recém egresso da escravidão e fortemente marcado pelo patriarcalismo exigiu daquela mulher [...] muita ousadia e coragem" (RAGO, 2007b, p. 263). Precisamos da coragem da verdade para construirmos um mundo mais justo, onde a desigualdade social não seja esse abismo de fome e miséria contrastando com acúmulo de fortunas, onde as vidas não humanas sejam, finalmente, percebidas como vida e não mercadoria, coisa e objetos a serviço do lucro de alguns. Precisamos colocar fim no tempo do antropocentrismo para construirmos o biocentrismo, em que a vida seja o centro de nossas preocupações e a nossa pátria seja o Universo.

Maria Lacerda de Moura nasceu no dia 16 de maio de 1887, na Fazenda Monte Alverne, próxima de Manhuaçu, em Minas Gerais. Seu pai Modesto de Araújo Lacerda e sua mãe Amélia de Araújo Lacerda mudaram-se, em 1891, para Barbacena (MG), cidade onde ela deu início aos seus estudos escolares. Em 1892, ela começou a realizar o curso primário no externato do Asilo de Órfãos, dirigido por freiras. Em sua *Autobiografia*, diz-nos que foi nesta escola que percebeu: "o espírito de classe, de casta e a injustiça com que os católicos estabelecem a diferença econômica [...] no desprezo e exploração para com os pobres, os humildes e os de cor" (MOURA, 03 ago. 1929, p. 3). Seu pai era um homem culto e anticlerical, percebendo o perigo da doutrinação católica escolar ele sugeriu a leitura e a tradução de obras de Maurice Lachâtre, Maria Lacerda tinha "então entre 10 e 12 anos de idade" (RODRIGUES, 1993, p. 67). Foi uma porta que se abriu para o estudo sobre o anticlericalismo e o espiritismo, como veremos mais adiante. Com esta e outras leituras valorosas

desde tenra idade, Maria Lacerda foi tornando-se uma autodidata, empenhada em ler e estudar as novidades de seu tempo, sem separar ou hierarquizar ciência, religião, filosofia e/ou literatura.

E, em 1904, formou-se na Escola Normal e deu início ao trabalho como professora primária, aos 16 anos de idade. No ano seguinte, no dia 14 de janeiro de 1905, casou-se com o funcionário público Carlos Ferreira de Moura, para quem fez uma bela dedicatória no livro *A Mulher é uma degenerada,* no qual escreveu: "A primeira e a segunda edição desse livro te são dedicadas, meu grande amigo. Também a terceira [...]. Somos hoje apenas dois grandes e verdadeiros amigos" (MOURA [1924], 2018, p. 7). Aos 25 anos de idade, junto com Carlos, adotou Carminda, uma órfã, e Jair, um sobrinho. Para sua filha e seu filho, escreveu a dedicatória do livro *Renovação*: "aos meus filhinhos adoptivos-nascidos da maternidade espiritual do meu ser, da necessidade que sente o coração feminino de transbordar o seu affecto em outros affectos" (MOURA [1919], 2015, p. 41). Pouco se escreveu sobre as duas adoções, porém, em 1935, o filho adotivo ingressou na Ação Integralista Brasileira, causando-lhe grande desgosto. O fato rendeu uma matéria publicada no periódico *A Lanterna,* no qual ela afirmou que o filho era livre para fazer o que quisesse, porém, não tinha o direito de oprimir seu semelhante. O seu casamento com Carlos virou amizade, permaneceram juntos como casal até 1925, e mantiveram relação amistosa até o fim da vida (LEITE, 1984).

O ano de 1912 foi muito intenso e repleto de novidades na vida da educadora, surgiram suas primeiras publicações, inicialmente, escreveu crônicas para um jornal local. Naquele mesmo ano, ela foi colaboradora na construção da Vila D. Viçoso, foram erguidas 22 casas através de um mutirão para ajudar famílias que viviam em condições muito precárias. Atuou, no mesmo ano, na criação de um Lactário e na Liga Contra o Analfabetismo, porém, foi desta atuação que percebeu que somente ler e escrever não mudariam nada na vida das pessoas caso o método de ensino fosse uma reprodução dos valores estabelecidos. A Liga Contra o Analfabetismo era vinculada ao Colégio Militar, o que, para ela, contribuía mais no condicionamento do que na ampliação da capacidade cognitiva. Ainda em Barbacena, atuou como professora de trabalhos manuais, ensinou Pedagogia e Higiene, na mesma escola onde formou-se normalista, e, posteriormente, foi nomeada diretora do *Pedagogium,* que era anexo à Escola Normalista de Barbacena. Sobre sua atuação como educadora iremos nos ater com maior detalhamento no próximo capítulo. Deixamos aqui registrada a dedicação com que Maria Lacerda envolveu-se com a educação, desde jovem até o fim de sua breve vida, atuando em diferentes frentes de ensino.

Em 1912, enviou suas primeiras crônicas para um jornal local. Entrou em conflito com seus familiares, assim que começou a publicar suas ideias, eles a censuravam pedindo moderação e reserva. Em 1918, publicou seu primeiro livro *Em torno da educação*, composto de conferências e de palestras realizadas em Barbacena, sobre esse livro ela fez uma crítica em sua *Autobiografia* considerando-o patriótico, exaltado e burguês. A publicação rendeu-lhe contatos com jornalistas e escritores de Belo Horizonte, de São Paulo, de Santos e do Rio de Janeiro. Graças a este trabalho conheceu José Oiticica que lhe apresentou as ideias pedagógicas renovadoras da educadora e médica Maria Montessori e dos pedagogos

anarquistas Paul Robin, Sébastien Faure e Francisco Ferrer y Guardia.

Ainda em Barbacena, Maria Lacerda esteve atenta aos trabalhos de algumas associações de mulheres. Desde 1918, Maria Lacerda manifestou em seus escritos a sua preocupação com a condição feminina e com as maneiras de transformá-la, ideário que ficou mais evidente em seu segundo livro. Em Minas Gerais, atuou na solvência do problema das crianças abandonadas na cidade de Barbacena e divulgou as iniciativas associativas de alguns grupos de mulheres dos quais tinha notícia pelos periódicos das cidades maiores. As mulheres e as crianças foram, inicialmente, o foco principal de suas preocupações, e, portanto, de sua escrita propositiva. Em 1919, após a publicação de *Renovação*, ela foi convidada para as primeiras conferências fora de sua cidade. Em 1920, discursou no centro da Federação Operária Mineira (FOM), em Juiz de Fora, e, em 1921, realizou uma conferência na cidade de Santos. Essas conferências possibilitaram contatos e facilitaram a sua saída de Barbacena.

Mudou-se para São Paulo, ainda em 1921, aos 34 anos. Naquela cidade, teve seus contatos com o movimento associativo feminino, com o movimento operário da época, conheceu a chamada *Proletcultura*, sobre a qual retomaremos ao tratar da educação libertária. Em contato com a feminista Bertha Maria Júlia Lutz (1894 - 1976), que, em 1919, fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, foi convidada para trabalhar em prol da educação das mulheres. Bertha, em 1922, representou as brasileiras na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras, nos Estados Unidos, onde foi eleita vice-presidente da Sociedade Pan-Americana. Ao regressar, criou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, que substitui a liga, para encaminhar a luta pela extensão de direito ao voto às mulheres (LESSA, 2014b). Entre 1921 e 1922, Maria Lacerda presidiu a Federação Internacional Feminina, sendo pioneira ao propor a criação da disciplina de História da Mulher nas escolas, proposta que viria a efetivar-se algumas décadas depois de sua morte. Em 1922, Maria Lacerda rompeu com os movimentos associativos feministas, que, para ela, estavam fundamentalmente preocupados com o sufrágio feminino, enquanto isso, ela entendia que a luta pelo direito de voto respondia a uma parcela muito limitada da população feminina e não alcançava as mulheres operárias.

Em São Paulo, colaborou assiduamente com a imprensa operária e progressista e, em 1923, lançou a revista *Renascença*. Publicou seus artigos em alguns periódicos tais como: *A Lanterna, A Tribuna, A Plebe, O Combate, O Ceará,* bem como na revista espanhola, com sede em Valência, *Estudios.* Maria Lacerda de Moura deixou-nos um legado libertário muito vasto. Ela foi uma profícua escritora, oradora e educadora, além de realizar muitas ações e práticas sociais propositivas; escreveu muitos livros, artigos, matérias jornalísticas, cartas, conferências, folhetos e outros tipos de matérias que foram publicadas no Brasil e em outros países. Aos 34 anos de idade, em São Paulo, alavancou uma rica produção escrita, sobretudo de livros versando sobre o antifascismo.

Foi neste contexto que conheceu Ângelo Guido. De seu contato com Maria Lacerda rendeu o trabalho na Revista *Renascença,* na qual ele colaborou nos cinco números e ficou encarregado da seção intitulada *Livros Novos,* foi o programador visual da revista e autor da capa da primeira edição do livro *Religião do Amor e da Belleza,* publicado em

1926. Ele faleceu na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, no ano de 1969. A revista *Renascença* teve grande repercussão, era distribuída em nove estados do Brasil, na Argentina, através da colaboração de Júlia Garcia Cames, e, em Portugal, com apoio de Ana de Castro Osório. Era uma publicação com aproximadamente 30 páginas, a redação ficava situada na rua Visconde de Rio Branco, número 83, em São Paulo. Com a contribuição de Ângelo Guido, ela levou suas ideias para locais distantes, e o primeiro exemplar ficou esgotado em dois dias.

Em 1926, ela conheceu André Néblind, através dele acolheu a obra do anarquista individualista francês Han Ryner. A obra de Han Ryner causou grande impacto na vida e na produção de Maria Lacerda, que lhe trouxe, segundo suas palavras, "o desejo maior de uma purificação interior bem mais alta", ela prossegue: "só agora senti o problema humano" (MOURA, 3 ago. 1929, p. 3). Dois anos depois, em 1928, mudou-se para a comunidade agrícola de Guararema, construiu uma relação de amor e companheirismo com André Néblind até a data em que ele foi preso e deportado pelo governo de Vargas. No filme que Miriam Leite realizou sobre a vida e os escritos de Maria Lacerda, ela mostra uma carta dele, já deportado:

> Barcelona, 12 de agosto de 1937
>
> Meu caro Armand,
>
> Há cerca de um mês você deve ter recebido uma carta, anunciando minha chegada a Barcelona. Fui denunciado como comunista por um fascista e expulso sem processo depois de onze meses de prisão.
>
> Não estou muito tranquilo pois deixei no Brasil meu filho e Maria Lacerda de quem não tenho notícias há oito meses, pois ela também foi denunciada pelo mesmo fascista.
>
> Logo podemos falar disso, espero, pois moro na França neste momento. Mas por enquanto, até nova ordem, é melhor não dizer nada.
>
> Fraternamente,
>
> A. Néblind (MARIA LACERDA, 2003).

Nos textos sobre a autora diz-se que, entre 1928 e 1937, ela viveu na comunidade agrícola, em Guararema, no interior de São Paulo, formada por anarquistas individualistas espanhóis, franceses e italianos desertores da Primeira Guerra Mundial. Mas, segundo a carta de Néblind, a Comunidade foi atacada pela polícia política em 1936, quando supostamente ela fugiu da repressão após ser denunciada por um fascista. Importante ressaltar que a carta revela na frase "melhor não dizer nada" um momento de silenciamento político, de caça aos anarquistas, socialistas e comunistas. Tanto que a carta escancara a necessidade dele de manter-se escondido, pois a mesma foi enviada de Barcelona, mas ele escreve que está na França. Não podemos dizer com certeza se ele estava na Espanha ou França no momento do envio da correspondência. Uma provável estratégia de fuga da repressão.

O período em que ela viveu em Guararema coincide com o de maior produção escrita e atuação política, colaborando semanalmente no jornal *O Combate,* de São Paulo, no qual estabeleceu uma polêmica de grande repercussão com a imprensa fascista local. Neste mesmo período, ela realizou conferências no Uruguai e na Argentina, a convite de instituições educacionais antifascistas, onde teve contato com Luiz Carlos Prestes, que estava exilado em Buenos Aires. Foi uma época em que ela teve grande atuação como

pacifista e colaborou para a campanha antifascista em São Paulo, Santos, Campinas e Sorocaba. Rodrigues (1993, p. 82), ao escrever sobre a libertária mineira, relata sobre a peculiaridade da comunidade agrícola de Guararema, fundada pelo anarquista italiano Arturo Campagnoli, diz:

> Ao contrário da "Colônia Cecília", onde tudo se fazia em comum [...] na Comunidade de Guararema prevalecia o sistema anarquista-individualista, ou seja, cada componente tinha sua moradia, cultivava em faixa de terra ou buscava outros meios de sobrevivência individuais, e em casos esporádicos algumas pessoas se agrupavam usando a proporcionalidade de terra.

Maria Lacerda viveu no período das duas grandes guerras entre desertores e com eles abraçou o anarquismo individualista. Sua obra, hoje é interpretada como feminista e libertária, muito embora ela recusasse rótulos. Destacou-se por algumas frentes de batalha, em consonância com o seu tempo. Maria Lacerda não gostava de rótulos ou definições, não se autodenominava feminista ou libertária, porém, em seus escritos emergem estas frentes de batalha. Ela fez eco ao anarquismo individualista, pacifista e espiritualista. Fez guerra à guerra e apostou na paz. No período entre as duas guerras mundiais, considerou que "o silêncio, agora, é a conivência" (MOURA, 1931b, p. 5).

Nos anos 1980, a pesquisadora Miriam Lifchitz Moreira Leite (1926 – 2013) fez um trabalho monumental recompondo um acervo há muito tempo perdido ou apagado dos registros públicos. Foram muitos anos de pesquisa em que ela reuniu livros, folhetins, jornais, cartas, fotos, entrevistas e outros documentos pessoais. A redescoberta de Maria Lacerda de Moura fez emergir uma pluralidade de fontes que rendeu à autora dois livros: *A Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura,* publicado, em 1984, pela Editora Ática, e *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica,* publicado, em 2005, pela Editora Mulheres. Além dos livros, ela escreveu artigos, apresentou palestras e colaborou na elaboração de um documentário intitulado *Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde* (2003)[1]. Seu trabalho foi certeiro como a flecha de Ártemis e alçou um voo mais alto que fez chegar ao público de hoje o que ontem havia sido silenciado. Miriam doou parte do acervo de suas pesquisas para o Centro de Documentação e Memória (CEDEM), da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), localizado na Praça da Sé. O arquivo está situado no coração de São Paulo onde a feminista mineira iniciou uma guerra à guerra através de seus escritos e de suas conferências.

Na mesma época, a historiadora Margareth Rago chamou a atenção para as incursões de Maria Lacerda de Moura nas lutas feministas e libertárias do início do século XX, nos diálogos internacionais entre as libertárias e na frente de batalha contra o avanço do nazifascismo durante o período entre as duas guerras mundiais. Margareth desenvolve esta análise, sobretudo através da publicação do seu livro *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil, 1890 – 1930),* publicado pela Paz e Terra, em 1985, sendo revisado, em sua quarta edição, em 2004, com novo subtítulo: *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a*

[1] Disponível gratuitamente pelo site da Vimeo no link: https://vimeo.com/35898796.

resistência anarquista (Brasil, 1890-1930).

Dos anos 1980, quando Miriam Leite e Margareth Rago semeiam as ideias de Maria Lacerda, até os dias atuais muitas coisas ainda necessitam serem descobertas. Nos anos 2000, verificamos uma produção de artigos, teses e dissertações mais volumosa, algumas delas arroladas na lista de referências e citadas ao longo do livro. Maria Lacerda deixou uma extensa bibliografia entre livros, textos jornalísticos, cartas e conferências. Apesar da timidez declarada, foi uma grande conferencista, sendo convidada a falar em diversas cidades brasileiras, bem como em outros países. Seus escritos, à época, circularam no país e no exterior. Ela foi uma pacifista, antifascista, anticlerical, individualista, livre-pensadora, tradutora. Uma intelectual ávida pelo conhecimento, foi autodidata, desenvolveu estudos em vários campos entre eles a filosofia, a astrologia e, principalmente, a educação. Mas sua maior contribuição foi, sem dúvida, a tentativa de subverter os discursos de naturalização do feminino e de domesticação das mulheres, cuja única função de existir deveria ser a procriação dentro dos limites do casamento burguês. Ela assumiu posições revolucionárias e, principalmente, foi antecipadora de muitos temas do feminismo contemporâneo, bem como da história política do país (MAIA; LESSA, 2015).

Ao contrário de muitas feministas burguesas do período, que buscavam a inclusão em alguns direitos sociais, tais como, direito ao voto, ao acesso ao estudo e à participação em concursos públicos, a intelectual mineira procurava subverter esta relação ao denunciar e questionar os fundamentos da sociedade patriarcal burguesa. Ela propunha um igualitarismo mais radical entre os gêneros e a liberdade total do indivíduo assentada em princípios éticos de solidariedade e de compromisso social. No final dos anos de 1920, a produção de Maria Lacerda de Moura direcionou-se, também, para o questionamento ao autoritarismo do Estado e aos mecanismos de poder de uma conjuntura de militarização financiada pelo fascismo italiano. Através de sua pena fez emergir as contradições de um mundo em guerra (MAIA; LESSA, 2020).

Maria Lacerda de Moura, por sua vez, assumiu posições singulares não se ligando a nenhum grupo, associação ou ideologia política. Na associação de mulheres sua passagem foi rápida, como dissemos. Ela vislumbrava transformações mais amplas visando não à mera conquista de certos direitos, mas a libertação total das mulheres, por isso, investiu duramente contra as formas de autoritarismo expressas na família, na igreja e, sobretudo, no Estado fascista que se instalou, com suas ideologias nacionalistas e patrióticas, sobre a questão declarou: “a minha pátria é o Universo” (MOURA [1932], 1985, p.33). Ela percebeu o patriotismo e o nacionalismo como práticas políticas militarizadas criadas para aliciar o magote humano posto a serviço do Estado.

Sua morte, como os últimos anos de vida no Rio de Janeiro, foi silenciosa e solitária. Sua partida não causou alarde nem motivo para ela ou suas ideias serem lembradas durante um longo tempo. Ela foi esquecida e silenciada na história política e intelectual brasileira, marcada por uma sequência de governos ditatoriais e autoritários. Não é de se estranhar que tenha sido possível a revisão de sua obra no momento de Redemocratização do Brasil, nos anos 1980. Antes disso, ser ou mesmo

escrever sobre o anarquismo era muito arriscado, as pessoas eram perseguidas, torturadas e mortas. O tempo é rei, através dele pudemos nos reencontrar com os escritos libertários e, bem mais adiante, em 18 de novembro de 2011, no governo da Presidenta Dilma Rousseff, vermos constituir-se a Comissão Nacional da Verdade, um colegiado criado para investigar os crimes políticos perpetrados e as graves violações de direitos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Durante a ditadura Vargas, muitas pessoas, como veremos sobre o caso de Geny Gleiser, eram presas, torturadas e, como ela, enviadas para as garras dos sanguinários nazistas para serem executadas. A comunidade de Guararema foi desmantelada com a repressão política durante o Estado Novo, muito ainda teremos que pesquisar sobre os desertores e desertoras da guerra que ali viviam para descortinar a repercussão dos atentados sobre cada uma das vidas.

Maria Lacerda, em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Rádio Mayrink Veiga lendo horóscopos. Faleceu, na rua Mem de Sá, n. 215, apartamento 905, no Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 1945. Sua última conferência, *O Silêncio*, foi pronunciada na Fraternidade Rosacruz Antiqua, na Tijuca, em 1944, onde discorreu sobre a obra de Pitágoras. Veio a falecer no ano seguinte, sem assistir ao fim da Segunda Guerra Mundial. Foi sepultada no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Na obra *Ferrer, o Clero Romano e a educação laica*, deixou-nos uma pista sobre o alcance de sua busca:

> "Conhece-te a ti mesmo" – "para aprenderes a amar" – é a Suprema Sabedoria, na escalada suprema em busca dos abismos de luz da nossa consciência profunda.
>
> Cada um de nós tem o seu caminho, as suas verdades, a sua vida...
>
> Que cada qual se ilumine a si mesmo e realizará o milagre sem par de iluminar, pelo exemplo, as verêdas de todos os jovens corredores da lenda.
>
> Só creio nessa educação...
>
> Só creio nessa revolução (MOURA, 1934, p. 41).

A obra de Maria Lacerda de Moura está dispersa, em diferentes locais, entre eles universidades, arquivos públicos e privados, no Brasil e noutros países, os arquivos guardam, parcialmente, seus rastros, suas memórias, suas ideias. Outras, ainda, desaparecidas. Neste livro, portanto, não pretendemos e, nem seria possível, esgotar o tema, pois muito trabalho ainda deve ser feito, sobretudo, no período, já apontado por Miriam Leite como sendo provavelmente o mais desconhecido, do momento entre a saída de Guararema até sua morte, no Rio de Janeiro. Nossa novidade com relação aos trabalhos citados está, especificamente, em investigar sobre seu ativismo com relação às outras espécies, tanto como antivivisseccionista quanto como vegetariana e sua vinculação ao anarquismo individualista, principalmente na vertente francesa. Além disso, interessa nosso destaque sobre a relação da escritora com as questões espiritualistas. Portanto, as outras espécies, o anarquismo individualista e a espiritualidade na obra lacerdiana, no nosso ponto de vista, merecem uma atenção especial por terem sido pouco exploradas.

Cronologia da publicação de seus livros:

Em torno da educação, 1918.

Renovação, 1919.

A mulher é uma degenerada, 1924.

Lições de pedagogia, 1925.

Religião do amor e da belleza, 1926.

De Amunden a Del Prete, 1928.

Civilização, tronco de escravos, 1931.

Clero e Estado, 1931.

Amai e... não vos multipliqueis, 1932.

Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!, 1933.

Han Ryner e o amor plural, 1933.

Clero e fascismo: horda de embrutecedores, 1933.

Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital, 1935.

Português para os cursos comerciais, 1940.

O Silêncio, 1944.

A listagem de suas publicações segue as pistas anunciadas nas duas obras de Miriam Lifchitz Moreira Leite, para um maior detalhamento, ou mesmo, para conhecer uma produção mais volumosa, que inclui as publicações em jornais e apresentadas em conferências e/ou publicadas em folhetins, sugiro a leitura das cronologias feitas pela autora citada (LEITE, 1984, p. 1-3, 158-160; 2005a, p. 33-36).

Este livro foi possível graças às pesquisas realizadas no Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM): a primeira intitulada *Maria Lacerda de Moura e a educação libertária: as mulheres e animais não humanos na sua obra* (Sistema de Gestão de Projetos - SGP/UEM processo nº 3757/2015) e a segunda com o título: *Os escritos antifascismo na segunda obra de Maria Lacerda de Moura (1887 – 1945)* (SGP/UEM processo nº 8638/2018). No período de julho de 2019 a julho de 2020, realizamos a Licença Sabática, e agradecemos a parceria com a pesquisadora Drª. Claudia de Jesus Maia, coordenadora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros, em Minas Gerais. Com Claudia Maia, trabalhamos na reedição do livro *Civilização, tronco de escravos*, publicação abraçada pela editora Entremares. No período relativo à Licença Sabática, pesquisamos sobre os *Os escritos antifascismo na obra de Maria Lacerda de Moura*. Destas pesquisas derivaram publicações em periódicos, capítulos de livros e em atas de eventos acadêmicos com alguns dos temas apresentados no livro e parcialmente desenvolvidos em formato de pequenos textos.

SOBRE A AUTORA

Patrícia Lessa atualmente leciona no Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná. Realizou graduação em Educação Física (UFPel – RS) e em História (Uninter – PR), doutorado em História (UnB – DF) e pós-doutorado em Letras (UFF – RJ). Escreveu os livros: *Amor e Libertação em Maria Lacerda de Moura (2020)* publicado *pela Entremares; Mulheres à venda* (2005), pela Eduel; *Mestre Puma e Larissa Cunha na história da musculação competitiva* (2020), em parceria com Iasmim Santos, pela Appris; e organizou: *Relações multiespécie em rede: feminismos, animalismos, veganismo* (2017), pela Eduem, com Dolores

Galindo, e *Relações interseccionais em rede: feminismos, veganismos, animalismos* (2019), pela Devires, com Roberta Stubs e Marta Bellini. Além disso, com Claudia Maia organizou a segunda edição da obra *Civilização, tronco de escravos*, de Maria Lacerda de Moura, reeditada pela Entremares em 2020.

Sumário:

Prefácio – mariam pessah

1 - Por que ler Maria Lacerda hoje?

2 - A Pedagogia Libertária

3 - As mulheres, as feministas e as sufragistas

4 - Os mártires da ciência e o antivivisseccionismo

5 - O Anarquismo Individualista

6 - Guerra à guerra

7 - O alvorecer da espiritualidade

Posfácio – Marta Bellini

Referências.